

Outubro de 1949.

O Observatório Popular Flammarion acabava de ser instalado no teto da cozinha de meu pai, construído que fora, de ripas de madeira, por ele e um amigo dileto, Beni Maciel da Silveira, hoje morando "do outro lado". Fortaleza era uma pequena cidade de cerca de 200.000 habitantes, pouco iluminada, e de onde as estrelas podiam ser vistas até a sexta magnitude. Atmosfera limpa e clara. Não se falava em poluição.

A noite se avizinhava, quando recebi a visita de um amigo de meu pai, engenheiro da Estrada de Ferro, o qual demonstrou o maior interesse em ver as estrelas. Quis mostrar-lhe planetas e estrelas duplas, mas ele se mostrou irredutível: seu interesse era apenas pelas estrelas. Concordei e passamos várias horas lá em cima, na escuridão, observando estrelas. O céu se arqueava, muito belo: a cauda do Escorpião brilhava no poente e, sobre ela, via-se o escrínio de jóias (hoje invisível) da Coroa Austral que nossos camponeses chamam de Coração de Maria. A pequena Nuvem de Magalhães brilhava com sua luz fosca bem no sul; o quadrado do Pégaso, alto no céu, unido ao Perseu pela linha de estrelas de Andrômeda. Nesta brilhava, à vista desarmada, a nebulosa M 31. O pequeno Golfinho era lindo, contrastando com a gigantesca cruz do Cisne. Vega reverberava sua luz azul e Cassiopéia, reclinada no céu-trono, enfeitava o norte.

O engenheiro pedia: "Mostre aquela". "Agora, aquela outra".

Depois de duas horas ou mais, mostrou-se senão satisfeito, pelo menos cansado. E depois de agradecer, retirou-se, mantendo com meu pai ligeiro comentário. E foi embora.

Meu pai entrou às gargalhadas. Perguntei-lhe a razão e ele respondeu: "Sabe o que me disse o engenheiro? Que apreciara a sua paciência e o seu gosto. Mas estava aborrecido, sem saber se deveria lhe dizer que o telescópio não prestava, era defeituoso. E explicou: "Sabe, mandei ele focalizar dezenas de estrelas. Mas não vi uma só, nem uma mesmo, com cinco pontas".

Numa noite muito limpa, recebi no "Flammarion" uma grande turma de normalistas. Como um bando de pássaros, elas encheram a casa, a escada e o observatório, comentando animadamente a novidade: iam ver o céu, pela primeira vez, através de um telescópio! Organizei uma fila e levei-as, de três em três, para cima. Elas observaram os planetas Júpiter e Saturno. Este, foi o campeão dos elogios, Boiando serenamente, com os anéis bem abertos, era um espetáculo inesquecível.

Meu pai, que sempre foi dado a brincadeiras, disse: "Sabe? quem não puder ver os anéis de Saturno não casa este ano".

Foi um alvoroço. E as meninas subiam em grupos maiores, interessadas na observação.

As últimas, umas oito, todas viram e admiraram o anel de Saturno. Mas, nessa ocasião, o telescópio estava apontado... para Júpiter!